

ESTADO DO RIO DE JANEIRO



EMUSA

BAIRROS SERRA GRANDE E MARAVISTA

TERMO DE REFERÊNCIA PARA PAVIMENTAÇÃO E DRENAGEM

Projeto:



JAN/2019 – REV. 2

CONTROLE DE REVISÕES

DOCUMENTO: NT180011-2-TRF.001		
DESCRIÇÃO: TERMO DE REFERÊNCIA PARA OBRAS DE PAVIMENTAÇÃO E DRENAGEM DOS BAIRROS SERRA GRANDE E MARAVISTA.		
REV:	DATA:	DESCRIÇÃO DA REVISÃO:
00	19/10/18	Emissão inicial
01	14/11/18	Revisão na relação de ruas e inclusão da descrição da passarela
02	29/01/19	Atendimento a questionamentos do edital
03		
04		
05		
06		
07		
08		
09		
10		
OBS:		



RESPONSÁVEL TÉCNICO
MARCELO ANTONIO OLIVEIRA DOS REIS
CREA/RJ 1992100003

O presente Termo de Referência descreve as ações propostas para “**Obra de Pavimentação e Drenagem dos Bairros Serra Grande e Maravista**” e estabelece as condições técnicas mínimas a serem obedecidas na execução das obras e serviços, fixando os parâmetros a serem atendidos para materiais, serviços e equipamentos, e constituirão parte integrante dos contratos de obras e serviços.

LOCAL DA OBRA

Serão contemplados diversos logradouros dos bairros Maravista e Serra Grande, as intervenções totalizam aproximadamente 26km metros de obra.



Apresentamos a seguir relação de ruas:

RELAÇÃO DE RUAS				
PAVIMENTAÇÃO E DRENAGEM DOS BAIRROS MARAVISTA E SERRA GRANDE				
Item	Via	TRECHO	Bairro	Extensão
1	AV. JOSÉ CORTEZ JÚNIOR (ANTIGA AV.2)	Rua 45 à Av. Ewerton Xavier	SERRA GRANDE	888,70
2	RUA COSTA RICA (ANTIGA RUA 8)	Estrada do Cantagalo a Av. Ewerton Xavier	SERRA GRANDE	214,10
3	RUA D	Rua B a Av. Ewerton Xavier	SERRA GRANDE	69,16
4	RUA DOS BRILHANTES	Avenida José Cortez Júnior (antiga Av. das Esmeraldas) a Rua Costa Rica (antiga Rua 8)	SERRA GRANDE	310,00
5	ESTRADA DO CANTAGALO	Rua Costa Rica (antiga Rua 8) a Rua B	SERRA GRANDE	314,00
6	RUA 36	Av. José Cortez Junior (antiga Av. 2) a Rua Costa Rica (antiga Rua 8)	SERRA GRANDE	179,76
7	RUA A	Rua Costa Rica (antiga Rua 8) a Rua D	SERRA GRANDE	240,06
8	RUA 35	Av. José Cortez Junior (antiga Av. 2) a Rua Costa Rica (antiga Rua 8)	SERRA GRANDE	159,41
9	RUA B	Rua Costa Rica (antiga Rua 8) a Estrada do Cantagalo	SERRA GRANDE	392,35
10	RUA PY	Av. Ewerton Xavier a Avenida José Cortez Júnior	SERRA GRANDE	200,43
11	RUA 39	início e fim na Av. José Cortez Junior (antiga Av. 2)	SERRA GRANDE	320,75
12	RUA JOÃO PAULO II (ANTIGA RUA 19)	Av. Ewerton Xavier a Rua João Cabete	SERRA GRANDE	552,10
13	RUA DR. PEDRO CALDAS CUNHA (ANTIGA RUA 20)	Rua Professora Romanda Gonçalves a Rua João Cabete	SERRA GRANDE	317,08
14	RUA RAIMUNDO TEIXEIRA MENDES (ANTIGO RUA 21)	Av. Ewerton Xavier a Rua João Cabete	SERRA GRANDE	514,98
15	RUA VINÍCIO CORREA DE ARAÚJO (ANTIGA RUA 22)	Av. Ewerton Xavier a Av. Pilsen (antiga Av. 4)	SERRA GRANDE	421,49
16	RUA REPUBLICA DOMINICANA (ANTIGA RUA 23)	Av. José Cortês Júnior (Ant. Av. 2) à Av. Gen. Atratino Cortês Coutinho	SERRA GRANDE	167,77
17	RUA REPUBLICA DOMINICANA (ANTIGA RUA 23)	Av. Gen. Atratino Cortês Coutinho (ant. Av. 1) à Av. Everton Xavier	SERRA GRANDE	165,40
18	RUA REPUBLICA DOMINICANA (ANTIGA RUA 23)	Av. Everton Xavier à Rua João Cabete	SERRA GRANDE	509,69
19	RUA CUBA (ANTIGA RUA 24)	Av. José Cortês Júnior (ant. Av.2) à Av. Everton Xavier	SERRA GRANDE	332,75
20	RUA CUBA (ANTIGA RUA 24)	Av. Everton Xavier à Rua João Cabete	SERRA GRANDE	533,32
21	RUA PORTO RICO (ANTIGA RUA 25)	Av. General Atratino Cortês Coutinho à Av. Everton Xavier	SERRA GRANDE	137,65
22	RUA FRANCISCO NASCIMENTO (ANTIGA RUA 26)	Av. General Atratino Cortês Coutinho à Av. Everton Xavier	SERRA GRANDE	145,96
23	RUA PORTO RICO (ANTIGA RUA 25)	Av. Everton Xavier à Rua João Cabete	SERRA GRANDE	536,83
24	RUA FRANCISCO NASCIMENTO (ANTIGA RUA 26)	Av. Everton Xavier à Rua João Cabete	SERRA GRANDE	528,69
25	RUA JORNALISTA ARI GUANABARA (ANTIGA RUA 1)	Av. José Cortez Junior (antiga Av. 2) e Av. Ewerton Xavier	SERRA GRANDE	332,60
26	RUA TENOR ROBERTO CALHEIROS DE MIRANDA (ANTIGA RUA 27)	Av. Ewerton Xavier a Rua João Cabete	SERRA GRANDE	520,58
27	RUA EDYR BACKER (ANTIGA RUA 28)	Av. Ewerton Xavier a Av. Pilsen (antiga Av. 4)	SERRA GRANDE	420,60
28	RUA HIGINO DA SILVA SAMARY	Av. José Cortez Junior (antiga Av. 2) a Av. Ewerton Xavier	SERRA GRANDE	332,63
29	RUA ESTHER ALEXANDRE ANDRADE (ANTIGA RUA 29)	Av. Ewerton Xavier a Av. Pilsen (antiga Av. 4)	SERRA GRANDE	420,64
30	RUA FELIPE GERALDO VICENTE (ANTIGA RUA 4)	Av. Ewerton Xavier a Av. José Cortez Júnior (antiga Av. 2)	SERRA GRANDE	332,79
31	RUA RUBEM ASSIS BONFIM (ANTIGA RUA 30)	Av. Ewerton Xavier a Rua João Cabete	SERRA GRANDE	380,71
32	RUA 5	Av. José Cortez Junior (antiga Av. 2) a Av. Ewerton Xavier	SERRA GRANDE	332,76
33	RUA JAERTH MEDEIROS (ANTIGA RUA 31)	Av. Ewerton Xavier a Rua João Cabete	SERRA GRANDE	332,09

RELAÇÃO DE RUAS				
PAVIMENTAÇÃO E DRENAGEM DOS BAIRROS MARAVISTA E SERRA GRANDE				
Item	Via	TRECHO	Bairro	Extensão
34	RUA NOSSA SENHORA DOS ANJOS (ANTIGA RUA 32)	Av. Ewerton Xavier a Rua João Cabete	SERRA GRANDE	500,00
35	RUA JOÃO CABETE	Rua Jaerth Medeiros (antiga Rua 31) a Rua João Paulo II (antiga Rua 19)	SERRA GRANDE	750,86
36	RUA JOSÉ FLORÊNCIO PEREIRA (ANTIGA RUA 33)	Av. Ewerton Xavier a Rua Nossa Senhora dos Anjos (antiga Rua 32)	SERRA GRANDE	179,18
37	AV. JOSÉ CORTEZ JÚNIOR (ANTIGA AV.2)	Rua Professor Julio Oliveira Bitencourt (Ant. Rua 6) à Rua Vinício Correa de Araújo (antiga Rua 22)	SERRA GRANDE	712,55
38	AV. GENERAL ATRATINO CORTES COUTINHO	Rua 1 à Rua Vinício Correa de Araújo (Antiga Rua 22)	SERRA GRANDE	360,26
39	AV. PILSEN (ANTIGA AVENIDA 04)	Rua Esther Alexandre (antiga Rua 29) a Rua João Paulo II (antiga Rua 19)	SERRA GRANDE	720,98
40	RUA SANTO AMARO (ANTIGO CAMINHO EXISTENTE)	Av. Ewerton Xavier a Rua 75	MARAVISTA	777,57
41	AV. AUGUSTO VIEIRA JACQUES (ANTIGA A. BAHIA I)	Av. Ewerton Xavier à Rua Professor José Vieira de Souza	MARAVISTA	804,38
42	RUA PROF. JOSÉ VIEIRA DE SOUZA (ANTIGA RUA 11)	Tem início e fim na Av. Augusto Vieira Jacques (Ant. Av. Bahia / Av. 1)	MARAVISTA	484,11
43	RUA JORNALISTA JOSÉ DE MATOS (ANTIGA RUA 1)	Av. Ewerton Xavier à Av. Augusto Vieira Jacques	MARAVISTA	121,82
44	RUA PROF. JURENIL ANDRADE COSTA	Rua Santo Amaro à Augusto Vieira Jacques	MARAVISTA	44,39
45	RUA PROF. JURENIL ANDRADE COSTA	Av. Ewerton Xavier à Rio João Mendes	MARAVISTA	169,75
46	RUA JORNALISTA MÁRIO DUTRA (ANTIGA RUA 3)	Av. Augusto Vieira Jacques ao Rio João Mendes	MARAVISTA	322,94
47	RUA MAURÍCIO LAGE (ANTIGA RUA 4)	Av. Augusto Vieira Jacques a Av. Prefeito Altivo Mendes Linhares	MARAVISTA	654,25
48	RUA ADALGISA MONTEIRO (ANTIGA RUA 5)	Os primeiros 100m a partir da Av. Augusto Vieira Jacques em direção a Av. Ewerton Xavier = 100m	MARAVISTA	71,25
49	RUA ADALGISA MONTEIRO (ANTIGA RUA 5)	Rua Professora Romanda Gonçalves a Rua Maria Izabel Bolckan (antiga Rua 23) = 371m	MARAVISTA	353,09
50	RUA PROF. ANGEOLINA PETRÓPOLIS (ANTIGA RUA 5)	Rua Santo Amaro a Av. Prefeito Altivo Mendes Linhares	MARAVISTA	854,68
51	RUA DR. PÁLVARO SILVA (ANTIGA RUA 7)	Rua Professor José Vieira de Souza até a altura do número 014	MARAVISTA	178,87
52	RUA SENADOR LÚCIO BITTENCOURT (ANTIGA RUA 8)	Av. Ewerton Xavier a Av. Prefeito Altivo Mendes Linhares	MARAVISTA	453,44
53	RUA ULISSES DE OLIVEIRA MADRUGA (ANTIGA RUA 9)	Av. Ewerton Xavier a Av. Prefeito Altivo Mendes Linhares	MARAVISTA	453,38
54	RUA DR. CÁSSIO ROTHER DO AMARAL (ANTIGA RUA 10)	Rua Professora Romanda Gonçalves a Rua Professora Gertrudes Camará Torres (antiga Rua 27)	MARAVISTA	292,68
55	RUA PROF. GERTRUDES CAMARÁ TORRES (ANTIGA RUA 27)	Rua Dr. Cassio Rother do Amaral a Rua Doutor Pálvaro da Silva	MARAVISTA	205,90
56	RUA CARLOS TAVARES NUNES (ANTIGA RUA 38)	Av. Ewerton Xavier a Rua Professora Romanda Gonçalves	MARAVISTA	220,45
57	RUA MADRE MARY MARCELINE (ANTIGA RUA 39)	Av. Ewerton Xavier a Rua Professora Romana Gonçalves	MARAVISTA	219,89
58	RUA PROF. ROCHED SEBÁ (ANTIGA RUA 40)	Av. Ewerton Xavier a Rua Professora Romanda Gonçalves	MARAVISTA	214,20
59	AV. AUGUSTO VIEIRA JACQUES (ANTIGA A. BAHIA I)	Est. Francisco da Cruz Nunes à R. Dr. Cássio R. do Amaral	MARAVISTA	396,04
60	AVENIDA 2	Rua da Fantasia (antiga Rua 12) a Rua Professora Romanda Gonçalves	MARAVISTA	500,29
61	AVENIDA PREFEITO ALTIVO MENDES LINHARES	Avenida 2 a Rua Maria Izabel Bolckan (antiga Rua 23)	MARAVISTA	825,41
62	RUA DR. LUIZ ARAÚJO BRAZ (ANTIGA RUA 9)	Os primeiros 50m a partir da Av. Irene Lopes Sodré	MARAVISTA	50,24
63	RUA SANTO AMARO (ANTIGO CAMINHO EXISTENTE)	Até a Rua Odrasil Lizardo Camilo	MARAVISTA	400,00

RELAÇÃO DE RUAS PAVIMENTAÇÃO E DRENAGEM DOS BAIRROS MARAVISTA E SERRA GRANDE				
Item	Via	TRECHO	Bairro	Extensão
64	RUA ODRAZIL LIZARDO CAMILO	Rua Santo Amaro à Rua Maria Tanuré Amora	MARAVISTA	350,00
65	RUA MARIA TANURÉ AMORA	Rua Santo Amaro à Estrada Francisco da Cruz Nunes	MARAVISTA	270,00
66	RUA DR. PÁLVARO DA SILVA	Avenida Prefeito Altivo Mendes Linhares à Rua Maria Izavel Bolcakan	MARAVISTA	190,00
67	RUA DR. LUIZ DE ARAÚJO BRAZ (ANT. RUA 9)	Av. Everton Xavier à Rua Prof. Romanda Gonçalves	SERRA GRANDE	15,00
68	RUA NICARAGUA (ANT. RUA 10)	Av. Everton Xavier à Av. Irene Lopes Sodré (Ant. Est. Engenho do Mato)	SERRA GRANDE	700,00
69	RUA 12	Av. Everton Xavier à Av. Prof. Romanda Gonçalves	MARAVISTA	215,00
70	AVENIDA 2	Miguel Coelho à Av. Prefeito Altivo Mendes Linhares	MARAVISTA	20,00
71	RUA PROFESSOR JULIO OLIVEIRA BITTENCOURT	Av. General Atratino Cortês Coutinho à Av. Everton Xavier	SERRA GRANDE	170,00
72	RUA JOSÉ BITTENCOURT (ANTIGA RUA 7)	Altura do lote 09 à Av. Everton Xavier	SERRA GRANDE	115,00
73	RUA PROFESSOR CARLOS CORTES (ANTIGA RUA 8)	altura do número 85 à Rua José Bittencourt (antiga Rua 7)	SERRA GRANDE	100,00
			TOTAL	25.995,68

O sistema de drenagem pluvial será formado por tubos tipo PA-1 e PA-2 com diâmetros variando de 0,40m a 1,50m, poços de visitas, caixas, ramais de ralo e galerias retangulares.

Nas vias de ligação, onde ocorre um fluxo maior de veículos, a estrutura de pavimento será composta por sub-base de pó-de-pedra de 20cm, base de brita corrida com 20cm e após imprimação será executada camada de concreto asfáltico usinado a quente com 5 cm de espessura. As vias locais, com menos fluxo de veículos serão formadas por estrutura de pavimento com sub-base de pó-de-pedra com 15cm de espessura, base formada com brita corrida com 15cm de espessura, que após imprimação receberá uma camada de 5cm de concreto asfáltico usinado a quente. Também está previsto a execução de meio-fio com sarjeta conjugada, calçada com 1,5m de largura em ambos os lados.

Na Av. Augusto Vieira Jacques está prevista a construção de uma nova passarela, sobre o Rio João Mendes. Em sua fundação será feita estacas raízes com 20m de comprimento, o vão será de 13m, com 2,30m de largura e guarda-corpos metálicos.

Todas as obras e serviços deverão ser executados rigorosamente em consonância com os projetos fornecidos, com os demais projetos complementares e outros projetos e ou detalhes a serem elaborados e ou modificados por solicitação do CONTRATANTE, com as prescrições contidas no presente memorial e demais memoriais específicos de projetos fornecidos e ou a serem elaborados, com as técnicas da ABNT, e outras normas abaixo citadas em cada caso particular ou suas sucessoras e Legislações Federal, Estadual, Municipal vigentes e pertinentes.

Nos casos em que há necessidade de elaboração pela CONTRATADA de projetos de fabricação e ou detalhamento, tais projetos deverão ser registrados no CREA, através de ART específica para cada caso.

Quando não houver descrição do tipo de serviço a ser executado, o material ou equipamento a ser utilizado, seguirá orientação da FISCALIZAÇÃO e dos respectivos projetistas de cada área em questão.

ESPECIFICAÇÃO TÉCNICA

Escavação

As valas que receberão os coletores serão escavadas segundo a linha de eixo, sendo respeitados o alinhamento e as cotas indicadas no projeto, salvo eventuais modificações autorizadas pela Fiscalização.

A escavação poderá ser feita manualmente ou com equipamento apropriado, neste caso, a escavação mecânica deve se aproximar do greide da geratriz inferior da tubulação ou da galeria retangular, ficando o acerto dos taludes e o nivelamento do fundo da vala por conta da escavação manual.

Nos terrenos rochosos poderão ser usados perfuratrizes apropriadas ou explosivos. O material escavado será colocado de um lado da vala de tal modo que, entre a borda da escavação o pé do monte de terra fique, pelo menos, um espaço de 30cm. Em casos especiais poderá a Fiscalização determinar a retirada total do material escavado.

Tendo em vista o tráfego de veículos e pedestres pelas vias de caminhamento do coletor, e a fim de evitar o acúmulo de material à beira da vala, a marcha da escavação e do assentamento da tubulação deverão ser concomitantes.

Quando o terreno assim o permitir a cava poderá ter suas paredes em talude. Neste caso, a inclinação será a partir do dorso do tubo.

A largura útil da vala (Lu) será igual ao diâmetro do tubo (\emptyset) mais 1 vez o \emptyset do tubo, sendo que a largura mínima será de 1m. Estes valores serão adotados para profundidades até 2,00m a partir da qual a largura será aumentada de 0,10m para cada metro ou fração além dos 2,00m de profundidade. Qualquer alteração quanto à largura da vala poderá ser feita a critério da Fiscalização.

Para: $H \leq 2,00m \Rightarrow Lu = \emptyset + \emptyset$

$H > 2,00m \Rightarrow Lu = \emptyset + \emptyset + 0,10 x$

Onde: x = número de vezes para cada metro ou fração além de 2,00m de profundidade.

O material escavado será enquadrado pela Fiscalização na seguinte classificação:

- 1ª Categoria Areia, argila e piçarra
- 2ª Categoria Moledo ou rocha decomposta
- 3ª Categoria Rocha viva ou blocos de rocha
- 4ª Categoria Terrenos contendo pedra solta do tamanho médio de pedra de mão ou argila rija.
- 5ª Categoria Lodo.

Escoramento

Usar-se-á escoramento sempre que as paredes laterais da vala forem constituídas de solo passível de desmoronamento. Normalmente serão utilizados os seguintes tipos de escoramento:

Fechamento ou contínuo

Em madeira, utilizando pranchões 1 ½ x 9" colocados verticalmente cobrindo inteiramente as paredes da vala, longarinas e contraventamento em pranchões 3"x 9".

Em madeira, utilizando pranchões macho e fêmea 3"x 9", longarinas e contraventamento em pranchões 3"x 9".

Metálico, utilizando estacas pranchas de aço cravadas com bate-estacas, longarinas e contraventamento com pranchões 3"x 9".

Metálico, utilizando estacas pranchas metálicas cravadas com bate-estacas, longarinas e contraventamento utilizando perfis de aço I ou H.

Pranchada horizontal de madeira 3"x 12", apoiada em perfis de aço I ou H.

Aberto ou descontínuo

Serão utilizados os materiais do Escoramento Fechado, porém haverá um espaçamento entre as pranchas verticais de até 1,00m, conforme determinação da Fiscalização.

Em todos os casos, o escoramento deverá ser retirado cuidadosamente à medida que a vala for sendo reaterrada e compactada.

Outro qualquer tipo de escoramento poderá ser utilizado quando constar de especificações especiais; no caso de ser apresentado pelo Empreiteiro, deverá ser previamente aprovado pela Fiscalização.

Esgotamento

Quando a escavação atingir o lençol d'água, fato que poderá criar obstáculos à perfeita execução da obra, dever-se-á ter o cuidado de manter o terreno permanentemente drenado, impedindo-se que a água se eleve do interior da vala, pelo menos até que o material que compõe a junta da tubulação atinja o ponto de estabilização. Havendo drenagem da vala, ela deverá ser feita de modo a impedir que a água corra pelos tubos recém assentes, removendo a argamassa de cimento e areia das juntas.

Quando o esgotamento for feito por meio de bombas, a água retirada deverá ser encaminhada para a galeria de águas pluviais ou vala mais próxima, por meio de calhas ou condutos, a fim de evitar o alagamento das áreas vizinhas ao local de trabalho.

Quando aconselhável, será feito rebaixamento do lençol d'água, que deverá ser executado por bombeamento contínuo.

Embasamento

As tubulações serão assentes sobre três tipos de base a saber:

- Bases comuns
- Bases de 1ª classe
- Bases de concreto

Bases comuns

Os tubos serão assentes diretamente no próprio terreno da cava, que será preparada em uma largura de pelo menos a metade do diâmetro externo, para adaptar-se perfeitamente à parte inferior dos tubos. Os vazios ao seu redor serão preenchidos com material de boa qualidade, colocados e apiloados manualmente, até 0,30m acima da geratriz superior do tubo.

Base de 1ª classe

Os tubos serão assentes sobre um colchão de pó de pedra ou areia com uma largura mínima de 1,5 vezes o diâmetro externo e uma espessura mínima de 0,10m. Para os diversos diâmetros deverá ser seguida a tabela (mínima).

D (mm)	H (m)
150	0,10
200	0,10
300	0,10
400	0,12
500	0,15
600	0,18
700	0,20
800	0,22
900	0,25
>1000	0,30

Nos casos em que os tubos serão assentes sobre uma camada de pedra britada ou cascalho com uma espessura mínima de acordo com tabela acima. Neste caso, após a colocação da brita ou cascalho, será colocada uma camada adicional de 0,05m de pó de pedra ou areia.

Em todos os casos, os vazios ao redor da tubulação serão preenchidos com material de boa qualidade a apiloados manualmente até 0,30m acima da geratriz superior do tubo.

Base de concreto

Neste caso os tubos serão assentes em um berço de concreto, cuja resistência à compressão deve ser no mínimo igual a 140 kg/cm², a espessura sob o tubo deverá ser de no mínimo $\frac{1}{4}$ do diâmetro interno e estender-se verticalmente até $\frac{1}{4}$ do diâmetro externo, a largura será no mínimo igual ao diâmetro externo do tubo mais a largura da bolsa ou 1,25 do diâmetro externo, no caso de tubos de meio encaixe.

Em alguns casos, como travessia de ruas, há necessidade de ser envolvido completamente o tubo em concreto, ou de fazer um reforço em concreto sobre o tubo.

Marcação

Serão colocadas réguas de acordo com a O.S.G. (Ordem de Serviço para Gabarito).

Sobre o bordo superior de pelo menos duas réguas e será colocada e esticada uma linha de nylon que materializará a projeção da geratriz inferior interna da tubulação no plano das réguas (alinhamento e declividade). Um gabarito de madeira será confeccionado e marcado. O greide desejado será obtido pela colocação do pé do gabarito na geratriz inferior interna do tubo e pela coincidência da marca do gabarito com a linha de nylon.

Na utilização deste processo deverão ser colocadas réguas intermediárias de 10 em 10 metros.

Alinhamentos

O alinhamento da tubulação será verificado por intermédio de um prumo de centro que transferirá o eixo determinado pela linha de nylon para o centro do tubo. Este alinhamento será determinado pela coincidência do prumo do centro com o centro de semicírculo.

As réguas e gabaritos deverão ser de madeira de boa qualidade e deverão apresentar perfurações a fim de resguardá-las de empenos, devido à influência do tempo.

As réguas deverão ser pintadas com cores vivas e que apresentem contraste umas com as outras, a fim de facilitar a determinação da linha visada.

Sempre que for interrompido o trabalho, o último tubo assentado deverá ser tamponado a fim de evitar a entrada de elementos estranhos.

Tubulações e juntas

As redes de drenagem foram projetadas prevendo o uso tubos de concreto armado tipo PA, em profundidades compatíveis à resistência mecânica dos mesmos, interligadas por poços de visita distanciados e posicionados de forma a permitir a limpeza, desobstrução, troca de direção do fluxo hidráulico e mudanças de declividades acentuadas.

Antes da execução das juntas de vedação com argamassa de cimento e areia no traço 1:3, deve ser verificado se as extremidades dos tubos estão perfeitamente limpas, observando-se que a ponta deverá ficar perfeitamente centrada em relação à bolsa.

Poços de Visitas (PV's.), Tampões e Caixas de Ralo

Poços de visita em alvenaria de blocos de concreto (0,20 x 0,20 x 0,40m), em paredes de 0,20m de espessura, utilizando argamassa de cimento e areia, no traço de 1:4 no volume, sendo as paredes chapiscadas e revestidas internamente com a mesma argamassa, enchimento dos blocos e base em concreto simples, tampa de concreto armado, sendo o concreto dosado para um $f_{ck} = 10\text{MPa}$ e degraus de ferro fundido, inclusive fornecimento de todos os materiais, sendo os poços com as seguintes dimensões mínimas:

Coletores de Águas Pluviais	Dimensões internas do PV
Ø 0,40m a Ø 0,60m	1,20 x 1,20 x 1,40m
Ø 0,80m	1,30 x 1,30 x 1,40m
Ø 1,00m	1,50 x 1,50 x 1,60m
Ø 1,20m	1,70 x 1,70 x 1,80m

Tampão completo de ferro fundido, de Ø 0,60m, com 175kg, para chaminés de caixa de areia ou poço de visita, assentado com argamassa de cimento e areia, no traço 1:4 em volume. Fornecimento e assentamento.

Caixa de ralo em blocos de concreto (0,20 x 0,20 x 0,40m), em paredes de uma vez (0,20m), de 0,30 x 0,90 x 0,90m, para águas pluviais, utilizando argamassa de cimento e areia, no traço 1:4 em volume, sendo paredes revestidas internamente com a mesma argamassa, com base de concreto simples $f_{ck} = 10\text{Mpa}$ e grelha de ferro fundido de 135kg. Fornecimento e colocação.

Reaterro

Assentamento o coletor a vala será reaterrada, obedecendo-se os seguintes cuidados:

- O reaterro deverá ser feito com terra isenta de matéria orgânica, pedras ou materiais que possam afetar os tubos.
- O reaterro será feito normalmente em camadas de 0,30m, bem compactas até no mínimo de 1,20m sobre a geratriz do tubo manualmente.
- A partir da altura de 1,10m sobre o tubo, o reaterro poderá ser compactado com a utilização de rolos compressores, “sapos mecânicos”, ou com a utilização de compactador vibratório de solos.

Pavimentação

A estrutura de pavimento será composta por camada de sub-base, base e acabamento. Para complementação da obra está previsto a execução de meio-fio, sarjeta e pátio de concreto.

O material com baixo suporte deverá ser removido e substituído por pó de pedra, devidamente compactado.

A camada de sub-base deverá ser construída com pó de pedra, e para efeito de controle de compactação, aceita-se a determinação do grau de compactação feito com frasco (grande) de areia exigindo 100% do Proctor Intermediário, realizado a cada 100m alternando os bordos.

A camada de base deverá ser construída com material granular, devendo ser compactada em camadas de no mínimo 10 cm e no máximo 15 cm de espessura. O controle tecnológico da compactação deverá ser determinado através do grau de compactação efetuado com frasco (grande) de areia exigindo 100% do Proctor Intermediário, realizado a cada 100 m alternando os bordos e, complementado, obrigatoriamente, por medidas deflectométricas com auxílio da viga Benkelman de 20m em 20m, varrendo a pista toda, ou seja, os bordos direito e esquerdo e eixo. Quando a

camada de base for liberada pelo controle para a imprimação, esta deverá ser executada imediatamente.

Sobre a base devidamente nivelada e isenta de material solto, será executado o serviço de imprimação empregando asfalto diluído tipo CM-30, podendo a taxa variar de 0,8 a 1,6 l/m², conforme o tipo e a textura da base e do material betuminoso escolhido, devendo ser absorvido pela base em 24 h. Durante a cura a pista deverá ser mantida fechada a qualquer tipo de tráfego.

A capa será executada com auxílio de vibro-acabadora com controle eletrônico e mesa extensiva, o equipamento deverá possuir comando eletrônico de nivelamento, capaz de orientar-se através de linha ou fio de aço, sky de 1m a 6m e por pêndulo, adaptável automaticamente as condições da obra, capacidade de trabalho na velocidade de 0 a 18 m/min., regulável sistema de deslocamento através de esteiras deslizantes com sapatas de borracha para não marcar o revestimento asfáltico, possuir capacidade de trabalho com mesa de espalhamento de pelo menos 3m, na condição básica e de no mínimo 7m com a mesa extensível; sistema de compactação através de tamperes e vibradores e também possuir chapa alisadora com sistema de aquecimento. E compactada com trem de compactação adequado, para que se obtenha, no mínimo, 97% de grau de compactação, em relação a densidade aparente do traço de mistura.

A acabadora deverá ser guiada, seu sistema eletrônico, através de cabos colocados nos dois lados na primeira faixa, de 20m em 20m, nas retas, e de 10m em 10m, nas curvas. As demais faixas o sistema deverá ser guiado por sky e pêndulo.

Deverá haver controle de temperatura da mistura asfáltica na saída do caminhão na usina e antes do descarregamento do mesmo no silo da acabadora.

A temperatura de mistura não deverá exceder a 177°C. As misturas com temperaturas superiores a 180°C e abaixo do limite inferior da compactação, em função da curva de viscosidade, deverão ser recusadas.

A compactação deverá ser iniciada na maior temperatura possível, de preferência na faixa obtida na curva de viscosidade SSF.

As pistas terão meio fio com sarjeta em concreto simples fck = 15 MPa, moldado no local. Também será implantado sobre aterro em saibro, pátio de concreto com espessura de 8cm, no traço 1:3:3 em volume, formando quadros de 1,00 x 1,00m com sarrafos de pinho incorporados.

Concreto Armado

Os concretos empregados nas estruturas deverão obedecer a esta especificação, e as Normas Técnicas da ABNT.

Cimento

Não havendo indicação em contrário, o cimento a empregar será o Portland comum ou de alto forno, devendo satisfazer as prescrições das NBR-7480 e NBR5735, da ABNT. Caberá à fiscalização aprovar o cimento a ser empregado, podendo exigir a apresentação de certificado de qualidade, quando julgar necessário. Todo cimento

deverá ser entregue no local da obra, em sua embalagem original. O cimento deverá ser armazenado em local seco e obrigado, por tempo e forma de empilhamento que não correspondem a sua qualidade. Será permitido o uso de cimento a granel, desde que, em cada silo somente seja colocado cimento da mesma procedência. O cimento só poderá ficar armazenado por período tal que não venha a comprometer a sua qualidade ou a critério da fiscalização.

Agregados

Os agregados para a confecção de concreto ou argamassa deverão ser materiais são, resistentes e inertes, de acordo com as definições abaixo. Deverão ser armazenados separadamente, isolados do terreno natural por assoalho de madeira ou camada de concreto.

O agregado miúdo é a areia natural quartzosa. Deve ser limpo e não apresentar substâncias nocivas, como torrões de argila, matéria orgânico, etc. Deve ter uma granulometria tal que o valor do seu módulo de finura esteja compreendido entre 2,4 e 3,9.

Somente mediante autorização da fiscalização, poderão ser empregadas areias artificiais provenientes da rocha sadia.

O agregado graúdo consistirá de pedra britada, proveniente de rocha sadia ou seixo rolado, britado ou não isento de partículas aderentes, não podendo apresentar substâncias nocivas, como torrões de argila, matéria orgânica, etc. Deve ter forma predominantemente esférica ou cúbica cuja maior dimensão não poderá exceder 5 cm.

A água para preparação dos concretos e argamassas deverá ser clara e isenta de óleos, ácidos, álcalis, matéria orgânica, etc.

Aditivos

O uso de aditivos, tais como plastificantes ou impermeabilizantes só será permitido mediante autorização expressa da fiscalização.

Quando empregados aditivos em concreto armado, estes não poderão conter ingredientes que possam provocar corrosão da armadura.

Cuidados especiais deverão ser tomados no caso de utilização simultânea de aditivos diferentes, devendo certificar-se de sua compatibilidade, de modo a evitar-se resultados danosos ao concreto.

Equipamentos

O equipamento mínimo a ser utilizado será uma betoneira de 250 litros, com dosador de água.

O tipo, capacidade e quantidade dos equipamentos deverá estar ajustado à natureza, dimensões e prazo do serviço a executar. A executora deverá apresentar a relação detalhada do equipamento a ser empregado na obra, para apreciação da fiscalização.

Dosagem

O concreto consistirá na mistura de cimento, agregados e água, em proporções adequadas à obtenção da resistência mínima à compressão indicada nos desenhos do projeto.

O traço do concreto deverá ser estabelecido por dosagem experimental a partir da resistência à compressão estabelecida no Projeto, do tipo de controle a ser adotado na obra e das características físicas dos materiais componentes. A executora não poderá alterar essa dosagem sem autorização expressa da fiscalização, devendo adotar as medidas necessárias à sua manutenção.

O consumo mínimo de cimento de 300 kg/m³. O máximo fator água/cimento permitido é de 0,50 (para concreto fck = 20 MPa).

Ficará a critério da executora sujeito à aprovação da fiscalização, a escolha da forma de executar a operação de medida dos materiais componentes da dosagem.

A operação de medida dos materiais deverá ser feita com todo o cuidado, a fim de se obter a dosagem correta dos concretos.

Atenção especial deverá ser dada à medição de água de amassamento, devendo ser previsto um dispositivo de medida capaz de garantir a medição do volume de água com um erro inferior a 3% do fixado na dosagem.

Preparo

O preparo do concreto deverá ser feito em betoneira do tipo e capacidade aprovados pela fiscalização somente será permitida a mistura manual em casos de emergência, e de pequenos volumes, com a devida autorização da fiscalização, desde que seja enriquecida a mistura com pelo menos 10% do cimento previsto no traço adotado. Em hipótese alguma a quantidade total de água de amassamento será superior à prevista na dosagem havendo sempre um valor fixo para o fator água/cimento.

Os materiais serão colocados na betoneira de modo que uma parte da água de amassamento seja admitida antes dos materiais secos.

A ordem de entrada na betoneira será: parte da água de amassamento, parte do agregado graúdo, cimento, areia e o restante da água de amassamento e, finalmente, o restante do agregado graúdo. Os aditivos, se for o caso, deverão ser adicionados à água de amassamento nas quantidades especificadas, salvo recomendação de outro procedimento pela fiscalização.

O tempo de Mistura, contado a partir do instante em que todos os materiais tiverem sido colocados na betoneira, dependerá do tipo da betoneira, e deverá ser igual a:

- Para betoneiras de eixo vertical - 0,5D (minutos) não inferior a 1 minuto
- Para betoneiras basculantes - 2D (minutos) não inferior a 2 minuto
- Para betoneiras de eixo horizontal - 1,5D (minutos) não inferior a 1,5 minuto

Sendo D igual ao diâmetro do tambor da betoneira em metros.

A mistura volumétrica do concreto deverá ser, sempre, preparada para uma quantidade inteira de sacos de cimento. Não será permitido o uso de cimento proveniente de sacos

que, por qualquer razão, tenham sido parcialmente usados, ou que contenham cimento endurecido.

Todos os dispositivos destinados à medida para preparo do concreto estarão sujeitos à aprovação da fiscalização.

O concreto deverá ser preparado somente nas quantidades destinadas ao uso imediato. O concreto que estiver parcialmente endurecido, não deverá ser remisturado. Os intervalos entre os lançamentos deverão ser tais que não permitam o endurecimento parcial do concreto já colocado e, em caso algum, deverão exceder 30 (trinta) minutos.

O intervalo entre a colocação de água no tambor e a descarga do final da betoneira, não deverá exceder 30 (trinta) minutos. Durante este intervalo, a mistura deverá ser resolvida, de modo contínua, uma vez que não será permitido manter o concreto em repouso antes de seu lançamento.

O concreto deverá ser protegido, durante o transporte, quando se fizer necessário. A operação de transporte deverá ser feita de modo a evitar a segregação do concreto.

Lançamento

O lançamento do concreto só poderá ser iniciado mediante autorização da fiscalização. Para isso será necessário, verificar se a armadura está corretamente montada, se todos os implementos metálicos, juntas de dilatação e contração, eletrodutos e tubulações embutidas estão colocadas; se as formas, quando de madeira, foram suficiente molhadas, e, de seu interior, foram removidos os cavalos de madeira, serragem e demais resíduos das operações e carpintaria.

Para os lançamentos que tenham de ser feitos a seco em recintos sujeitos à penetração de águas, deverão ser tomadas precauções necessárias, para que não haja água no local em que se lançar o concreto nem possa o concreto ser por ela levado. O concreto deverá ser lançado, o mais próximo possível de sua posição final.

As camadas de lançamento deverão ter altura igual a, aproximadamente, 75% da altura da agulha do vibrador.

Não será permitido o lançamento do concreto de uma altura superior a 2 (dois) metros, bem como o lançamento de grande quantidade em um mesmo local. Para peças em que a altura é superior a 2 (dois) metros o concreto deve ser lançado por janelas abertas na parte lateral, que serão fechadas à medida que avançar o concreto.

Poderão ser usadas calhas, tubos ou canaletas como auxiliares no lançamento do concreto. Seu uso, entretanto, não deve provocar segregação do concreto. Todas as calhas de camada de concreto endurecido, deverão ser, preferencialmente, feitas ou revestidas com chapas metálicas.

Adensamento de Concreto

O concreto após seu lançamento nas formas deverá ser bem adensado mecanicamente, usando-se para isso vibradores do tipo e tamanho aprovados pela fiscalização. Somente será permitido o adensamento manual em caso pela interrupção no fornecimento de

força motriz e por período de tempo mínimo indispensável ao término da moldagem da peça em execução, devendo-se para este fim, elevar o consumo de cimento, de 10%, sem que seja acrescida a quantidade de água de amassamento.

Para o adensamento, serão empregados, preferencialmente, vibradores de imersão, com diâmetro da agulha vibratória adequado às dimensões da peça estrutural, ao espalhamento e à densidade de ferros da armadura, a fim de permitir sua ação em toda a massa a vibrar, sem deslocar as barras da armadura, implementos metálicos ou outras peças embutidas, nem provocar segregação do concreto. A escolha do vibrador será de acordo com tabela a seguir:

Tipo de Peça	Diâmetro da Agulha	Frequência	Raio de Ação (aprox.)
1- Peças com espessura menores que 15 cm Peças com armadura muito densa. Concreto com slump maior que 8cm	2 a 4 cm	170 a 250 Hz	8 a 15cm
2- Peças com espessuras maiores que 30cm. Concreto com slump maior que 8cm.	3 a 6 cm	150 s 250 Hz	13 a 15cm
3- Peças com espessuras maiores que 30cm. Concreto com slump menor que 8cm.	5 a 9 cm	130 a 200 Hz	18 a 36cm

Na concretagem de lajes e placas de piso ou peças de pouca espessura e altas, o emprego de placas vibratórias é considerado obrigatório.

A trabalhabilidade do concreto deverá satisfazer as condições de adensamento exigidas pelas peças a moldar.

Cura e Proteção

O concreto, após seu lançamento deverá ser convenientemente protegido contra o sol, vento e chuva, e ser mantido úmido durante um período mínimo de 7 (sete) dias. Para cimentos de alto-forno, o tempo mínimo de cura deve ser de 10 (dez) dias.

A água utilizada na cura deverá ser da mesma qualidade da usada para o preparo do concreto. A cura por membrana, poderá ser utilizada desde que previamente aprovada pela fiscalização.

Para as peças pré-moldadas poderá ser utilizada cura a vapor com temperaturas situadas no intervalo 38 a 66oC. A aplicação do vapor será após, no mínimo, seis horas da conclusão do lançamento do concreto na forma. Todas as faces devem receber simultaneamente a aplicação de cura a vapor. A cura deve ter uma duração mínima de 72 horas. A determinação do tempo final para cada tipo de peça será estabelecida pela resistência à compressão atingida.

Não será admitida a paralisação da cura, em qualquer processo empregado, para resistência inferior a 70% do fck.

Controle de Qualidade do Concreto

Para garantia da qualidade do concreto a ser empregado na obra, deverão ser efetuados, inicialmente, ensaios de caracterização dos materiais. Os ensaios de cimento deverão ser feitos em laboratório, obedecendo ao que preceituam as normas da ABNT.

Quando existir garantia de homogeneidade de produção para determinada marca de cimento (certificados de produção emitidos por laboratório ou marca de conformidade da ABNT), não será necessário a realização frequente de ensaios de cimento.

Quando for conveniente o emprego de cimento de outra qualidade, que não o Portland comum, deverá haver autorização da fiscalização, devendo o material empregado atender às prescrições da ABNT.

Em cada 50 sacos de uma partida de cimento, um deverá ser pesado para verificação de peso. Caso seja encontrado saco com peso inferior a 98% do indicado no saco, todos os demais deverão ser pesados.

O controle de água se faz necessário desde que apresente aspecto ou procedência duvidosa, conforme preceitua a NBR – 6118 da ABNT.

A dosagem experimental do concreto deverá ser feita em Laboratório Tecnológico de empresas previamente autorizadas e com o acompanhamento da fiscalização.

O controle de qualidade do concreto deverá ser feito em duas fases a saber:

Controle de Execução

Tem a finalidade de assegurar, durante a execução do concreto, o cumprimento dos valores fixados na dosagem, sendo para isto indispensável o controle de umidade dos agregados, da composição granulométrica dos agregados e do consumo de cimento, para a introdução das correções que se fizerem necessárias à manutenção da dosagem recomendada.

A frequência das operações de controle acima indicados ficará a critério da fiscalização e deverá ser capaz de assegurar a continuidade da qualidade exigida.

Controle de Resistência do Concreto

Tem por finalidade verificar se o concreto empregado na obra foi convenientemente dosado de modo a assegurar a resistência à compressão fixada no projeto. Este controle será feito de acordo com a NBR – 6118 devendo ser do tipo sistemático, com índice de amostragem normal. O valor da resistência do concreto será controlado através de ensaios de compressão de corpos-de-prova cilíndricos de concreto conforme NBR – 5739.

Os controles de execução e de resistência do concreto serão feitos por firma idôneas, e com o acompanhamento a aprovação da fiscalização.

Aceitação da Estrutura

A aceitação da estrutura está condicionada a comparação entre a resistência característica do concreto (f_{ck}) estabelecida no projeto e os valores estimados da resistência característica ($f_{ck\ est}$) obtidos para cada um dos lotes em que foi dividido o concreto de estrutura.

A estrutura será automaticamente aceita se para todos os lotes for constatado:

$f_{ck\ est} > f_{ck}$

Se para um ou mais lotes a condição de aceitação não se verificar, deverão ser rompidos os corpos de prova de reserva, e recalculados o valor da resistência estimada ($f_{ck\ est}$). Se o valor assim obtido satisfizer a condição de aceitação automática, o concreto do lote será aceito, caso contrário as seguintes providências deverão ser tomadas isoladamente ou em conjunto a critério da fiscalização.

- a) Revisão do projeto
- b) Ensaios especiais do concreto
- c) Ensaios da estrutura (prova de carga)

Acabamento

As superfícies de concreto deverão apresentar-se lisas e uniformes, sem “ninhos”, “brocas” ou saliências. Não serão toleradas pontas de ferro ou armaduras aparentes. Para superfície do concreto de peças não enterradas, serão tomados todos os cuidados a fim de evitar imperfeições.

Na execução do concreto aparente – quer os fundidos no local, quer os pré-moldados – será levado em conta que ele deverá satisfazer não somente aos requisitos normalmente exigidos para os elementos de concreto armado, como também às condições inerentes tornam essencial um rigoroso controle para assegurar-se uniformidade de coloração, homogeneidade de textura, regularidade da superfície e resistência às intempéries em geral. Todas as peças de concreto expostas deverão ter obrigatoriamente os cantos chanfrados de 2,5 x 2,5 cm, exceto nas estruturas de concreto na barragem de rejeitos.

Formas e Escoramento

As formas e escoramento atenderão às dimensões do projeto e deverão possuir rigidez para não se deformarem quando submetidas às cargas provenientes da concretagem.

Formas

As formas poderão ser de madeira ou metálicas, sem deformações, defeitos, irregularidades ou pontos frágeis, que possam vir a influir na forma, dimensões ou acabamento das peças de concreto a que sirvam de molde.

Para as peças enterradas poderão ser empregadas tábuas de madeira.

Para as peças não enterradas deverão ser adotados, obrigatoriamente, revestimentos de chapas metálicas, ou chapas de madeira compensada à prova d'água.

As formas deverão ser executadas de modo que o concreto acabado tenha as formas e as dimensões do projeto, esteja de acordo com alinhamentos e elevações fixados, e apresente uma superfície lisa e uniforme. Deverão ser projetadas de modo que sua remoção não cause danos ao concreto e que resistam ao efeito da vibração e da carga do concreto.

As dimensões, nivelamento e verticalidade das formas deverão ser verificadas cuidadosamente. Deverão ser removidos do interior das formas topo pó de serra, difícil limpeza, deverão ser deixadas aberturas provisórias para facilitar esta operação. A limpeza do fundo da forma deverá ser feita obrigatoriamente, através de jatos d'água e ar sob pressão.

As juntas das formas deverão, obrigatoriamente, ser vedadas, para evitar perda de argamassa do concreto ou de água.

Antes da concretagem, as formas deverão ser abundantemente molhadas.

Os prazos mínimos para desmoldagem quando for empregado cimento Portland comum devem ser:

- Face laterais: 3 dias
- Face inferiores, deixando-se pontaletes bem encunhados e convenientemente espaçados: 14 dias
- Faces inferiores, sem pontaletes: 21 dias

Os prazos acima devem ser acrescidos em 20% quando o aglomerante utilizado no concreto for cimento de alto-forno.

Escoramento

O escoramento das estruturas sem exceção deverá ser constituído de peças de madeira ou peças metálicas, que não apresentem deformações, defeitos, irregularidades ou pontos frágeis prejudiciais à execução da obra.

Equipamento

A natureza e quantidade do equipamento a ser utilizado na execução das formas e escoramento dependerá do tipo dimensões de cada serviço a executar.

A executora deverá apresentar a relação detalhada do equipamento a ser utilizado na obra, para aprovação da fiscalização. Em particular deverá apresentar o projeto detalhado das formas que pretende utilizar na execução das peças pré-moldadas, bem como descrição do processo executivo e de manuseio e transporte das mesmas.

Controle

Caberá à fiscalização o controle dos serviços de execução de formas e escoramento, assim como o estabelecimento das tolerâncias a serem admitidas, objetivando a boa técnica e perfeição dos serviços.

O controle das deformações verticais do escoramento durante a concretagem, deverá ser feito, a critério da fiscalização, com a instalação de defletômetro, ou com nível de precisão para que possa ser reforçado, em tempo hábil, caso necessário.

Armadura

As armaduras deverão estar isentas de qualquer substância prejudicial à aderência, retirando-se as escamas eventualmente destacadas por oxidação. Deverão ser colocadas como mostrado nos desenhos do projeto, e, durante a operação de concretagem, mantidas na posição correta.

Aço para as Armaduras

Os aços empregados para confecção das armaduras serão os aços CA-50 A ou B conforme indicado nos desenhos do Projeto de Detalhamento e deverão atender às prescrições da NBR-7480 e NBR-6118, da ABNT. Para armadura em malha soldada será utilizado o aço CA-60.

Equipamentos de Concretagem

A natureza, capacidade e quantidade do equipamento a ser utilizado dependerão do tipo, dimensões e prazos de cada serviço a executar. Assim, a executora apresentará para aprovação da fiscalização a relação do equipamento a utilizar.

Colocação das Armaduras Amarradas

As armaduras deverão ser colocadas nas formas, nas posições indicadas no projeto, sobre calços de argamassa de cimento e areia, ou peças especiais (caranguejos), quando for o caso, de modo a garantir o afastamento necessário das formas (recobrimento) conforme indicado nos desenhos de projeto. Deverão ser inspecionadas e aprovadas pela fiscalização da concretagem.

Controle – Condições Gerais

Serão consideradas armaduras para concreto armado unicamente as que satisfazem as NBR-7480 e NBR-6118, da ABNT.

O controle do aço constitui encargo da executora e deverá ser executado por firma especializada e previamente aprovada pela fiscalização.
